EDIÇÃO ESPECIAL - Nº3/2018 - CIRCULAÇÃO NACIONAL

Brasil de Fato

UMA VISÃO POPULAR DO BRASIL E DO MUNDO

Marcelo Camargo/Agência Brasil

A ÁGUA NO CENTRO DA DISPUTA MUNDIAL

Brasil é alvo das corporações que querem privatizar recursos hídricos; movimentos defendem recurso natural como direito PÁG. 3

CRISE

Racionamentos e uso indevido da água impactam a população PÁG. 6

RESISTÊNCIA

Entidades organizam Fórum Alternativo Mundial da Água em Brasília PÁG. 4

EDITORIAL

Defender a água e combater a privatização

A água está no centro de uma grande disputa mundial. Grandes grupos empresariais orquestram um plano de privatização completa deste recurso. O Brasil possui em seu território uma das maiores reservas do planeta, com cerca de 12% de toda água doce disponível. E as empresas internacionais querem se tornar donas deste bem natural.

Com a crise do capitalismo e o golpe, que colocou o ilegítimo Michel Temer no comando do país, a agenda da privatização da água vem se acelerando dia após dia. O governo está abrindo as portas para entregar esse recurso natural ao capital.

No mês de março, Brasília será palco de dois grandes eventos para tratar do tema, porém, com objetivos totalmente contrários. De um lado, as empresas transnacionais, fundos de investimentos, paraísos fiscais e bancos que veem na água um grande negócio, promovem o Fórum Mundial da Água, também conhecido como Fórum das Transnacionais. Entre os patrocinadores do evento estão a Nestlé, Ambev, o governo do estado de São Paulo (PSDB), além do governo de Temer.

> **“A privatização só prejudica a população”**

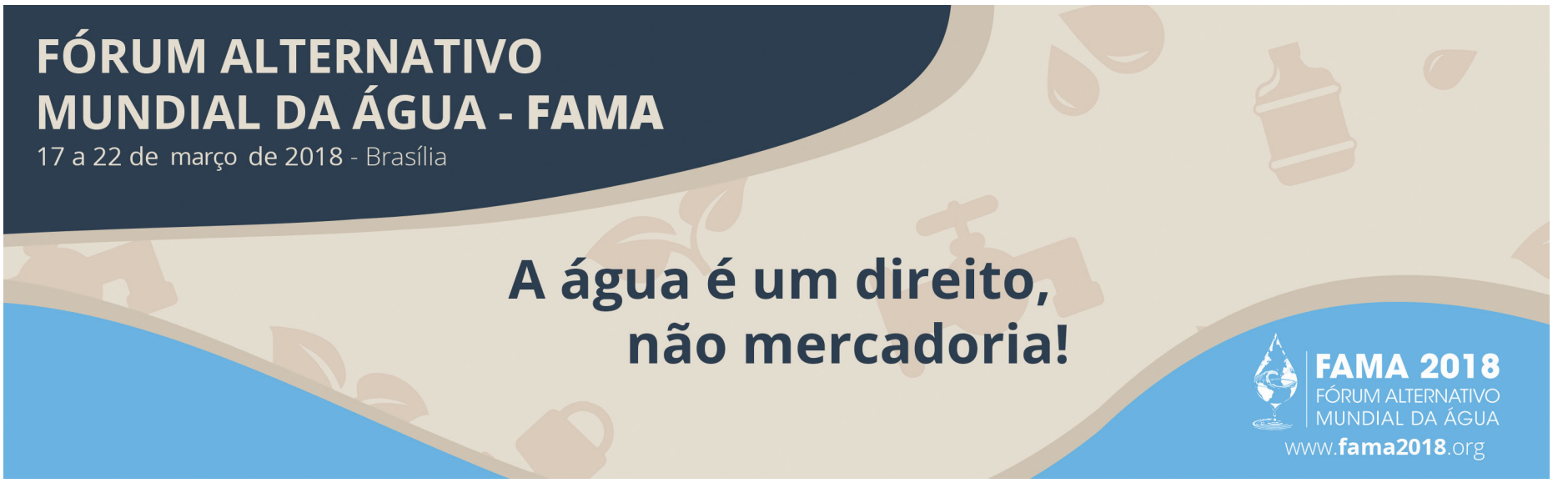
Do outro lado, estão os povos de várias partes do mundo, do campo e cidade, que lutam contra qualquer forma de privatização da água. Os trabalhadores e trabalhadoras promoverão o FAMA – Fórum Alternativo Mundial da Água, que possui como mensagem principal “água é um direito, não mercadoria”. A luta é em defesa da água e contra o estabelecimento da propriedade privada sobre este bem natural. A privatização só prejudica a população. Centenas de cidades estão se vendo obrigadas a reestatizar seus serviços de saneamento, em função do caos deixado pelas empresas privadas.

No entanto, o plano não se restringe ao saneamento. A ideia é estabelecer um grande mercado mundial de água. Ou seja, as transnacionais pretendem se apropriar dos rios, nascentes, barragens, aquíferos e serviços públicos para gerar lucro e acumulação de riqueza ao capital.

O objetivo das empresas transnacionais é tornar a água uma mercadoria, impondo preços altíssimos ao povo para gerar muito lucro. Paralelamente a esse movimento, a população se verá sem esse direito fundamental à sobrevivência.

> **“A água não pode ter dono”**

A água não pode ter dono. A água deve ser controlada pelo povo e estar à serviço do povo. Não devemos admitir nenhuma forma de privatização. E é por este objetivo que devemos lutar juntos. Missão que só os lutadores e lutadoras do povo podem realizar.



Brasil de Fato

Brasil de Fato: brasildefato.com.br
(11) 2131-0814

jornalismo@brasildefato.com.br
/brasildefato
@Brasil_De_Fato

Esta é uma edição especial, produzida em parceria com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), com circulação nacional gratuita, em março de 2018.
Jornalismo: Nina Fideles, Rafael Tatemoto, Cristiane Sampaio, Bruno Ferrari, Guilherme Weimann, Rafaela Dotta, Júlia Garcia, Marcelo Aguilar | **Jornalista responsável:** Nina Fideles (MTB: 6990 DF) | **Diagramação:** José Bruno Lima **Artes:** José Bruno Lima, Wilcker Morais e Gabriela Lucena

Na mira das grandes corporações

Nestlé protagoniza articulações internacionais em prol da privatização da água

RAFEL TATEMOTO
DE BRASÍLIA (DF)

A privatização da água em escala mundial é um dos principais pontos da agenda de grandes corporações. Dono das maiores reservas de água do planeta, o Brasil é um dos alvos prioritários da proposta.

Desde 2016, circulam propostas de privatização do aquífero Guarani, segunda maior reserva de água subterrânea no mundo. A primeira também fica no Brasil, o de Alter do Chão.

A entrega dos recursos hídricos à gestão privada é historicamente defendida pelo Water Resources Group, articulação fundada pela Nestlé, Coca-Cola e Pepsi. A posição também foi a tônica de diversas falas durante o Fórum Econômico Mundial 2018, realizado em janeiro, em Davos, na Suíça.

Durante o evento, Michel Temer se encontrou com executivos da Ambev e da Coca-Cola, e participou de um debate com o presidente do Conselho da Nestlé, Paul Bulcke, que ficou conhecido por ter dito que "se algo não tem preço, as pessoas desperdiçam". A ideia dos executivos é criar um mercado internacional de compra e venda de água, com produção em larga escala por entes privados e negociações em bolsas de valores.

Gilberto Cervinski, do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), diz que a ofensiva sobre a água é fruto de um momento de crise do capitalismo na qual se busca a apropriação dos recursos naturais e do patrimônio público.

"A pauta principal das corporações é a privatização da água. O objetivo é estabelecer a propriedade privada sobre a água para que os diferentes ramos de negócios relacionados ao recurso sejam dominados pelo capital para gerar lucro e acumulação", diz.

10 motivos para lutar contra a privatização

1 Destruição da soberania do país, com entrega de bens do povo brasileiro a empresas transnacionais

2 Aumentos abusivos nas tarifas para o consumidor, em busca de lucro

3 Queda na qualidade do serviço oferecido. Trabalhadores são demitidos e outras partes terceirizadas. Os bairros e comunidades mais pobres são os primeiros a sofrerem as consequências

4 Racionamento do fornecimento e sucateamento dos equipamentos aconteceram na maioria das cidades onde o sistema foi privatizado

5 Destruição de nascentes e de rios inteiros por conta da extração desenfreada. O exemplo mais recente é Correntina (BA) e o Rio Doce (MG)

6 Restrições ao acesso, pois, na lógica corporativa, a água só será fornecida a quem puder pagar por ela

7 Ausência de investimentos de longo prazo em infraestrutura, por não serem lucrativos para a iniciativa privada

8 Envenenamento dos rios pelas empresas transnacionais do agronegócio. Grandes volumes de agrotóxicos são usados em seus projetos de irrigação

9 Transnacionais se apropriam das barragens, **destroem a natureza** e superexploram a população através dos altos preços da energia elétrica

10 Aumento dos desmatamentos pelo agronegócio que busca aumentar de 6 milhões para 30 milhões os hectares irrigados no país. Tem sido frequente também a solicitação de liberação para desmatamentos de grandes áreas em costas de rios

Movimentos organizam fórum sobre a água em Brasília

FAMA se contrapõe ao Fórum das corporações pela defesa da água como um bem público

GUILHERME WEIMANN
DE SÃO PAULO (SP)

Desde o início do ano, uma complexa estrutura está sendo montada em Brasília para abrigar, entre os dias 18 e 23 de março, o Fórum Mundial da Água. Com o apoio do Governo do Distrito Federal, serão utilizados 38 mil metros quadrados do Estádio Mané Garrincha, além do Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

De acordo com o Assessor de Saneamento da Federação Nacional dos Urbanitários, Edson Aparecido da Silva, o Fórum é organizado pelo Conselho Mundial da Água, criado em 1996, na França, com interesses de mercantilizar a água. "Sua estratégia é criar mecanismos que coloquem a água como mercadoria geradora de lucro, na medida em que se trata de um insumo estratégico da produção e reprodução do capital", aponta.

Silva também questiona o slogan propagandeado pela atividade: "Compartilhando Água". "Nos perguntamos: compartilhando água de quem, pra quem, e pra quê?". Na plateia do evento, estarão representantes de governos, empresas de saneamento e, principalmente, grandes corporações como Coca-Cola e Nestlé.

Paralelamente ao fórum, ocorrerá, no Parque da Cidade, também no Distrito Federal, o Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA), construído por movimentos populares, sindicatos e ONGs. Com o lema "Água é um direito, não mercadoria", o principal objetivo é fazer um contraponto ao fórum "oficial".

Segundo a integrante da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Cássia Bechara, o principal objetivo é combater a privatização e todo tipo de mercantilização da água". "Nós somos contra o estabelecimento de propriedade privada sobre a água. Nós não aceitamos a privatização dos rios, dos serviços de abastecimento, das nascentes, ou das águas subterrâneas. A água é um bem comum, deve a servir ao povo, e não ao mercado ou ao capital", defende.

Bruno Ferrari

Com o lema "Água é um direito, não mercadoria", movimentos discutem privatização

Saneamento público

Nos últimos anos, o mundo tem visto um processo de reversão das privatizações que ocorreram no saneamento, que inclui abastecimento de água e tratamento do esgoto. De acordo com reportagem do jornal espanhol *El País*, entre 2000 e 2015 foram registrados 235 casos de remunicipalização, grande parte concentrados na Europa. Paris foi um exemplo e, apenas em 2010, primeiro ano da remunicipalização, economizou 35 milhões de euros e reduziu as tarifas em 8%.

No Brasil, apesar da tendência à privatização, a prefeitura de Itu (SP) retomou os serviços de saneamento em 2016, após oito anos (2007-2015), de gestão privada, que causou o maior racionamento da história cidade.

O que dizem os **movimentos populares?**

"Sem água não existe produção de alimentos, não existe vida. Lutar pelos recursos naturais, defendendo a soberania alimentar do país, e lutar para democratizar o acesso à água é a resistência da vida contra o capital"

Josineide Costa
integrante da coordenação do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)

"Devemos defender que todo ser humano tenha direito à água. Para isso, precisamos nos mobilizar, lutar e enfrentar os interesses do capital estrangeiro e financeiro, para fazer valer esse princípio, que até o Papa Francisco tem se levantado a favor"

João Pedro Stedile
dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

"A apropriação sobre as fontes hídricas e a gestão precária da água partem do mesmo problema: as multinacionais querem romper com qualquer controle público e cidadão, para mercantilizar integralmente esse bem comum"

Renato Di Nicola
integrante do Foro Italiano e Movimento Europeu da Água

"Em todo o mundo, guerras e golpes são produzidos na disputa pelos recursos naturais e a água é um deles. Esse projeto capitalista promove uma futura sociedade onde a água não é um bem acessível a todos. Por isso, produzimos a resistência na defesa"

Jessy Dayane
vice-presidenta da União Nacional dos Estudantes (UNE)

Entenda a diferença entre o FMA e o FAMA

Por Júlia Garcia e Marcelo Aguilar, de São Paulo (SP)

Fórum Mundial da Água	Fórum Alternativo Mundial da Água

Quem constrói?

O Fórum Mundial da Água é um evento organizado pelo Conselho Mundial da Água, organismo dominado por grandes empresas que lucram com a privatização do bem natural. Muitas delas se reúnem no "2030 Water Resources Group", grupo ligado ao Fórum Econômico Mundial, que inclui no seu conselho de governo empresas como: Nestlé, PepsiCo, Coca-Cola, Dow, Ambev, e até o Banco Mundial.	Construído por movimentos sociais, povos tradicionais, entidades, intelectuais, ambientalistas, agricultores familiares, lutadores e lutadoras do povo. Por todos e todas que acreditam que água é um direito e não mercadoria!

Quais os interesses?

Os interesses do FMA estão traduzidos nas organizações que o constroem. Corporações que tem por objetivo a geração de lucros a partir da exploração da natureza, tratando a água como mercadoria, e não como direito humano.	Contrapor o fórum das corporações, construir e enraizar a luta pela água como direito e não como mercadoria, entendendo-a como um elemento fundamental da soberania dos povos.

Quem financia?

No site do evento há logomarcas que indicam que o financiamento é feito por empresas privadas de saneamento, empresas de alimentos e bebidas, e órgãos públicos que demonstram estar mais comprometidos com as empresas do que com o povo. O problema é que não há transparência para saber quem pagou, quanto e para onde foi o dinheiro.	O financiamento do FAMA se dá de forma colaborativa, com contribuições voluntárias a partir de uma campanha de financiamento coletivo virtual, taxas de inscrições acessíveis àqueles que podem pagar (entre R$ 30,00 e R$ 60,00), e projetos de arrecadação de verbas, como emendas parlamentares.

Quem apoia?

As grandes corporações de privatização da água. O Governo do Distrito Federal (GDF) pagou mais de 5 milhões de euros (mais de R$ 20 milhões) ao Conselho Mundial da Água para o direito de ser anfitrião do 8º Fórum.	Movimentos populares, entidades sindicais, associações de bairros, povos e comunidades tradicionais, acadêmicos e pesquisadores.

Quais os resultados?

O Fórum Mundial de Água servirá para legitimar o discurso das corporações e avançar no processo de privatização da água no mundo. Não vai produzir resultados concretos para enfrentar os graves problemas relacionados com a água e a justiça social.	O FAMA tem como resultado fundamental o enraizamento da luta pela água e a articulação da resistência no mundo, a partir do lançamento de comitês locais que serão as células do trabalho de base continuado. A luta não acaba no dia 22 de março, o FAMA continua vivo na luta dos povos.

Crise hídrica no DF afeta principalmente a periferia

CRISTIANE SAMPAIO
DE BRASÍLIA (DF)

Enfrentando atualmente a maior crise hídrica da história, o Distrito Federal (DF) vive há mais de um ano sob um racionamento de água que penaliza especialmente a população das periferias.

O agricultor Flávio do Carmo, morador do assentamento Canaã, em Brazlândia, a 45 quilômetros de Brasília, sente na pele e no bolso o peso do problema. Depois de passar por racionamentos que chegavam a seis dias seguidos, ele construiu uma cisterna em casa, que já lhe custou mais de R$ 10 mil. Ele aponta que o Governo do Distrito Federal (GDF) trata com desigualdade os bairros nobres e as comunidades periféricas. "Tem condomínios de classe média alta com piscina, churrasqueira e três ou quatro poços artesianos. Nós aqui não temos nem outorga pra construir um poço. Eu me sinto marginalizado", desabafa.

O ambientalista Thiago Ávila, da Frente Povo Sem Medo, assinala que o DF carece, entre outras coisas, de maior preservação dos recursos hídricos, investimento em educação ambiental e gestão popular do processo de captação e distribuição da água. Além disso, a população sofre com a ameaça de privatização do serviço público de saneamento, administrado pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb).

"Água não pode ser tratada como bem privado, como objeto de especulação pra gerar lucro. A gente precisa socializar o bem viver", defende Ávila.

A reportagem procurou a Caesb, que, em nota, argumentou que "a maioria das residências, mesmo nas cidades consideradas periféricas, tem caixa d'água" e que faz campanhas educativas sobre o uso racional da água.

Correntina: um pavio aceso na Bahia

BRUNO FERRARI
DE SÃO PAULO (SP)

No dia 2 de novembro de 2017, milhares de trabalhadores ocuparam duas fazendas de propriedade do grupo empresarial do agronegócio Igarashi (de origem japonesa), no município de Correntina, na região Oeste da Bahia, em defesa das águas do rio Arrojado, afluente do Rio Corrente.

Os camponeses denunciaram a destruição do cerrado para o plantio de monoculturas e a utilização desproporcional de água das duas fazendas - aproximadamente cem vezes maior que a quantidade consumida pela população do município –, causando o desaparecimento de nascentes e diminuição da vazão dos rios. Após o ato, os manifestantes vêm sofrendo com ameaças e intimações da polícia e do Judiciário.

Na semana seguinte à ocupação, mais de 12 mil pessoas (mais de um terço da população local), saíram às ruas contra a criminalização da luta e em defesa das águas.

A empresa Igarashi, por meio de nota, disse estar em dia com a documentação de exploração dos rios. Segundo Temóteo Gomes, da coordenação nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a pauta está focada justamente na revisão ou suspensão dessas autorizações de exploração para o agronegócio.

"Muitas das outorgas, que foram dadas a grandes grupos multinacionais, estão em situação irregular, outras tantas foram adquiridas por processos fraudulentos. Se não revisarmos e suspendermos esses processos imediatamente, não só os rios do oeste baiano estão em risco, mas os rios de todo o Brasil", aponta Temóteo.

Mariana após a tragédia

Por Rafaela Dotta, Brasil de Fato (MG)

VALE

As cidades mineiras que sofreram com o rompimento da barragem de Fundão, sob **responsabilidade** da empresa Samarco (subsidiária da Vale e da BHP Billinton), em novembro de 2015, sofrem com escassez e má qualidade da água.

Os 62 milhões de metros cúbicos de lama lançados no Rio Doce **destruíram** a principal fonte de abastecimento de água de diversas cidades, como em Governador Valadares, de 245 mil habitantes.

Pequenos agricultores e pecuaristas que moram ao longo do rio **não têm** uma forma alternativa de captação de água. Os pescadores, que **perderam** seu ofício após o crime, devem receber da Fundação Renova - que responde pela Samarco -, uma indenização de R$ 11,2 mil. Valor considerado pequeno pelas entidades que defendem direitos das comunidades tradicionais.

Governo mantém agenda de privatizações

Após recuo na Reforma Previdência, Temer apresentou pacote de medidas prioritárias

Paulo Pinto/Agência PT

RAFAEL TATEMOTO
DE BRASÍLIA (DF)

No mesmo dia em que recuou na votação da chamada reforma da Previdência, pelo menos até as eleições de outubro, o governo de Michel Temer apresentou um conjunto de medidas prioritárias do governo. A lista é composta por antigas reivindicações do mercado e foi apresentada como plano alternativo à reforma.

Um dos exemplos é o projeto que confere autonomia ao Banco Central, retirando do Planalto instrumentos de gestão econômica, como a política monetária e a taxa de juros.

Outro ponto é a extinção do Fundo Soberano Brasileiro (FSB), mecanismo financeiro criado em 2010 com o objetivo de ajudar projetos estratégicos do país. Na Noruega, por exemplo, uma ferramenta similar será utilizada para custear as futuras aposentadorias.

Mapeamento do site *G1* aponta que há 75 projetos de entrega de estatais à iniciativa privada em âmbito federal. Um destes, questão central do pacote governamental, é a venda do sistema Eletrobrás. Constam também aeroportos, portos e ferrovias. O Planalto justifica a medida como forma de recompor o caixa.

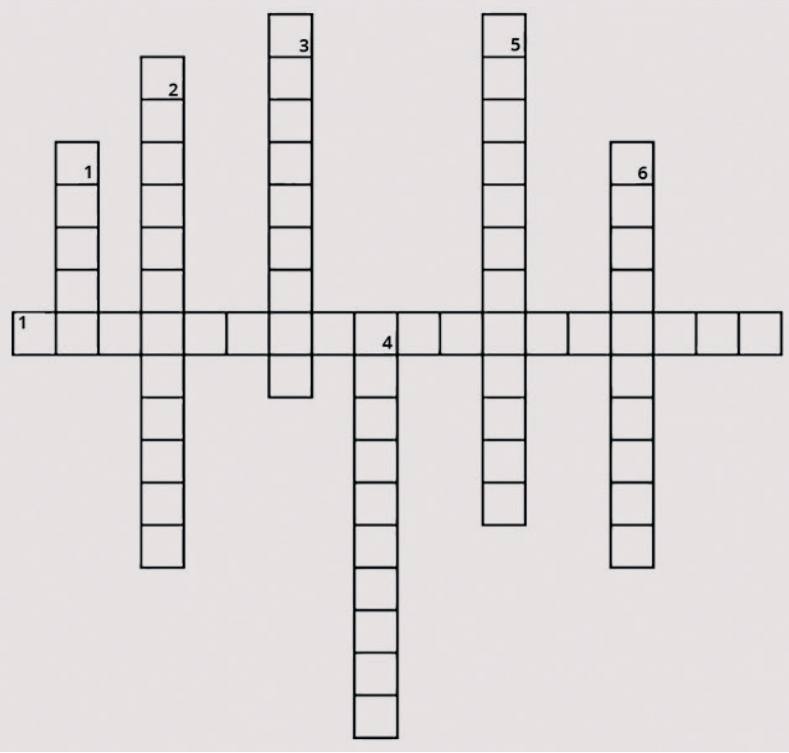
Cloviomar Caranine, economista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), rebate a tese governista. Segundo ele, historicamente, privatizações não resolveram o problema fiscal e, após as vendas da década de 1990, a dívida pública aumentou.

Caranine ressalta que o exemplo internacional deve ser estudado: "Como os outros países, até mesmo os de orientação neoliberal, tratam suas empresas estatais e qual o papel delas lá? Elas são importantes e esses países as entendem como estratégicas", questiona.

Cruzadinha
Democracia na encruzilhada

Da esquerda para direita
1 - medida do governo Temer que retirou direitos

De cima para baixo
1 - Impeachment sem fundamentação jurídica
2 - Abriu o processo contra Dilma Rousseff
3 - Perdeu a operação exclusiva sobre o pré-sal
4 - Um dos principais grupos de apoio de Temer
5 - Estabelecido pela Emenda 95, limitando investimentos em saúde e educação
6 - Vazou grampos na Presidência obtidos ilegalmente



RESPOSTAS
DA ESQUERDA PARA DIREITA (1 - reformatrabalhista)
DE CIMA PARA BAIXO (1 - golpe; 2 - eduardocunha; 3 - petrobras; 4 - ruralistas; 5 - tetodegastos; 6 - sergiomoro)

Água para quem?

Mais de **2 bilhões** de pessoas, **30%** da população mundial, não tem acesso a água potável

60% não são atendidas por serviços seguros de saneamento

Mais de **263 milhões se deslocam** mais de 30 minutos **para ter acesso** a uma fonte segura de água

Cerca de **160 milhões de pessoas** têm que beber água não tratada de fontes de água superficiais, como córregos ou lagos

Como resultado, todos os anos **361 mil crianças** com menos de 5 anos morrem devido a diarreia

No Brasil, cerca de **34 milhões de brasileiros** não têm acesso à rede de abastecimento de água potável

Há grande desperdício de recursos hídricos no Brasil: **20% a 60% da água** tratada para consumo se perde na distribuição

Dados do Relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) divulgado em julho de 2017; e da Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente.